O safári definitivo

Nadine Gordimer

*A aventura africana continua... Está a seu alcance!
A expedição ou safári definitivo com guias que conhecem a
África.*

Anúncio de viagem
The Observer, Londres, 27/11/1988

Naquela noite, nossa mãe saiu para fazer compras e não voltou. Nunca. O que aconteceu? Não sei. Meu pai também tinha saído um dia e nunca voltou; mas ele estava lutando na guerra. Estávamos em guerra também, mas éramos crianças, éramos como nossa avó e nosso avô, não tínhamos armas. As pessoas que meu pai estava combatendo — os bandidos, como o governo chamava — corriam por todo lado e a gente fugia deles como galinhas perseguidas por cachorros. Não sabíamos para onde ir. Nossa mãe foi fazer compras porque alguém disse que dava para conseguir óleo de cozinha. Ficamos contentes porque ninguém provava óleo fazia muito tempo; talvez ela tenha conseguido o óleo e tenha sido atacada por alguém que pe-

gou o óleo. Talvez tenha encontrado os bandidos. Se você en-
contra os bandidos, eles te matam. Vieram duas vezes à nossa
aldeia e nós corremos e nos escondemos no mato; quando eles
foram embora voltamos e descobrimos que tinham levado tudo;
mas na terceira vez que vieram não havia nada para levar, nem
óleo, nem comida, então eles botaram fogo no sapê e os tetos
de nossas casas despencaram. Minha mãe encontrou uns peda-
ços de flandres e colocamos em cima de uma parte da casa. Es-
távamos esperando por ela lá naquela noite em que ela nunca
mais voltou.

Ficamos com medo de sair, mesmo para fazer nossas coi-
sas, porque os bandidos vieram mesmo. Não na nossa casa —
sem teto, devia parecer que não tinha ninguém lá dentro, não
tinha nada —, mas por toda a aldeia. Ouvíamos as pessoas gri-
tando e correndo. Ficamos com medo até de correr, sem nossa
mãe para nos dizer para onde. Eu sou a do meio, a menina, e
meu irmãozinho se pendurou na minha barriga com os braços
em volta do meu pescoço e as pernas em volta da minha cintu-
ra como um bebê macaco com a mãe. A noite inteira meu pri-
meiro irmão ficou com um pedaço de madeira na mão, de uma
das vigas queimadas de nossa casa. Era para se defender se fos-
se encontrado pelos bandidos.

Passamos o dia inteiro ali. Esperando por ela. Não sei que
dia foi; não havia escola, nem igreja mais em nossa aldeia, en-
tão não dava para saber se era domingo ou segunda-feira.

Quando o sol estava se pondo, nossa avó e nosso avô che-
garam. Alguém da nossa aldeia tinha contado para eles que nós,
crianças, estávamos sozinhos, que nossa mãe não tinha voltado.
Digo “vovó” antes de “vovô” porque é assim: nossa avó é gran-
de e forte, não velha ainda, e nosso avô é pequeno, não se sabe
onde ele está, com a calça larga, ele sorri, mas não ouve o que
a gente diz e o cabelo parece que ele deixou cheio de espuma

de sabão. Nossa avó levou a gente — eu, o bebê, meu primeiro irmão, nosso avô — para a casa dela e estava todo mundo com medo (menos o bebê, dormindo nas costas da vovó) de encontrar os bandidos no caminho. Ficamos esperando muito tempo na casa da vovó. Talvez um mês. Ficamos com fome. Nossa mãe não voltou nunca. Enquanto a gente esperava ela vir nos buscar nossa avó não tinha comida para nós, para nosso avô e para ela. Uma mulher que tinha leite no peito deu um pouco para meu irmãozinho, se bem que na nossa casa ele comesse mingau de aveia, igual a gente. Vovó nos levou para procurar espinafre silvestre, mas todo mundo na aldeia dela tinha feito a mesma coisa e não tinha sobrado nem uma folha.

Vovô, andando um pouco atrás de uns rapazes, foi procurar nossa mãe, mas não encontrou. Vovó chorou com outras mulheres e eu cantei hinos com elas. Trouxeram um pouco de comida para nós — um pouco de feijão —, mas depois de dois dias não tinha mais nada de novo. Vovô tinha três carneiros, uma vaca e uma horta, mas os bandidos fazia tempo tinham levado os carneiros e a vaca, porque eles também estavam com fome; e quando chegou a hora de plantar vovô não tinha semente para plantar.

Então eles resolveram — minha avó resolveu; vovô fazia uns barulhinhos e balançava de um lado para outro, mas ela não prestou atenção — que a gente ia embora. Nós, crianças, ficamos contentes. A gente queria ir embora dali onde nossa mãe não estava e onde a gente ficava com fome. Queríamos ir onde não havia bandidos e tinha comida. Ficamos contentes de pensar que existia um lugar assim; longe.

Nossa avó deu para alguém suas roupas de ir na igreja em troca de umas espigas de milho secas que ela cozinhou e amarrou num pano. Levamos aquilo com a gente quando fomos embora e ela pensou que a gente podia beber água dos rios, mas

não encontramos nenhum rio, então ficamos com tanta sede que tivemos de voltar. Não tudo até a casa de nossos avós, mas até uma aldeia onde havia uma bomba de água. Ela abriu o cesso onde levava umas roupas e o milho e vendeu os sapatos para comprar um garrafão de plástico para água. Eu disse, Gogo, como você vai à igreja agora sem nem seu sapato, mas ela disse que o caminho era longo e era coisa demais para carregar. Naquela aldeia, encontramos outras pessoas que também estavam indo embora. Fomos com elas porque elas pareciam saber para onde melhor do que a gente.

Para chegar lá a gente tinha de atravessar o Parque Kruger. A gente tinha ouvido falar do Parque Kruger. Uma espécie de terra protegida dos bichos — elefantes, leões, chacais, hienas, hipopótamos, crocodilos, todo tipo de bicho. Existiam alguns deles na nossa terra, antes da guerra (nosso avô lembra; nós, crianças, ainda não tínhamos nascido), mas os bandidos mataram os elefantes e venderam as presas, e os bandidos e nossos soldados comeram todos os antílopes. Na nossa aldeia, havia um homem que não tinha pernas — um crocodilo tinha arrancado as duas, no nosso rio; mas a nossa terra era mesmo terra de gente, não de bichos. A gente tinha ouvido falar do Parque Kruger porque alguns homens nossos saíam de casa para ir trabalhar lá, nos lugares onde gente branca vem ficar para olhar os bichos.

Então partimos embora de novo. Havia mulheres e outras crianças como eu que tinham de carregar as pequenas nas costas quando as mulheres ficavam cansadas. Um homem ia nos levar até lá dentro do Parque Kruger; já chegamos, já chegamos, eu ficava perguntando para nossa avó. Não ainda, o homem dizia, quando ela perguntava a ele por mim. Ele falou que a gente ia ter de andar muito para dar a volta na cerca que ele explicou que podia matar, torrar a pele na horinha que você encosta, igual os fios lá de cima dos postes que dão luz elétrica nas nos-

sas cidades. Eu vi aquela figura de uma cabeça sem olho nem pele nem cabelo numa caixa de ferro no hospital da missão onde a gente ia sempre antes de ele explodir.

Da outra vez que eu perguntei, eles disseram que a gente já estava andando no Parque Kruger fazia uma hora. Mas era igualzinho ao mato onde a gente estava andando o dia inteiro e não vimos bicho nenhum a não ser os macacos e passarinhos que moram em volta da gente em casa, e uma tartaruga que, claro, não conseguiu escapar de nós. Meu primeiro irmão e os outros meninos levaram a tartaruga para o homem matar e a gente poder cozinhar e comer. Ele soltou ela porque disse que a gente não podia acender fogo; o tempo todo que a gente estivesse no parque não podia acender fogo porque a fumaça mostraria onde a gente estava. A polícia, os guardas, apareciam e mandavam a gente de volta para onde tinha vindo. Ele disse que a gente tinha de andar feito bichos no meio de bichos, longe das estradas, longe dos acampamentos de gente branca. E naquele momento eu ouvi — tenho certeza de que eu fui a primeira a ouvir — galhos quebrando e o som de alguma coisa abrindo caminho na grama e quase dei um grito porque achei que era a polícia, os guardas — as pessoas que ele estava falando para a gente evitar — que já tinham nos encontrado. E era um elefante, e mais um elefante e mais elefantes, grandes borrões escuros se mexendo onde a gente olhasse no meio das árvores. Enrolavam as trombas nas folhas vermelhas das árvores mopane e enfiavam na boca. Os bebês encostados nas mães. Os quase grandes brigavam igual meu primeiro irmão com os amigos — só que usavam as trombas no lugar dos braços. Fiquei tão interessada que esqueci que estava com medo. O homem disse para a gente ficar parada e quieta enquanto os elefantes passavam. Eles passaram muito devagar porque elefantes são grandes demais para precisar fugir dos outros.

Os antílopes fugiram de nós. Pulavam tão alto que pareciam voar. Os javalis ficaram parados feito mortos quando ouviram a gente e saíram correndo, do jeito que um menino da nossa aldeia costumava fazer um ziguezague com a bicicleta que o pai dele tinha trazido das minas. Fomos atrás dos bichos até o lugar onde eles bebiam. Quando foram embora, fomos até as poças de água. Nós nunca sentíamos sede sem encontrar água, mas os animais comiam, comiam o tempo todo. Sempre que se olhava para eles, estavam comendo, grama, árvores, raízes. E para nós não tinha nada. O milho tinha acabado. A única coisa que a gente podia comer era o que os babuínos comiam, uns figuinhos secos cheios de formigas que crescem nos galhos das árvores perto dos rios. Era difícil ser igual aos animais.

Quando ficava muito quente durante o dia podíamos encontrar leões dormindo. Eles eram da cor do mato e no começo a gente não viu, mas o homem viu e levou a gente para trás, demos uma grande volta no lugar onde eles dormiam. Eu queria deitar como os leões. Meu irmãozinho estava ficando magro, mas era bem pesado. Quando nossa avó me procurou, para colocar ele nas minhas costas, eu tentei não ver. Meu primeiro irmão parou de falar; e quando descansamos ele teve de ser sacudido outra vez, como se fosse igual ao nosso avô, não pude se escutar. Vi moscas andando na cara de nossa avó, mas ela não abanava elas embora; fiquei assustada. Peguei uma folha de palmeira e espantei as moscas.

A gente andava de noite igual de dia. Dava para ver as fogueiras onde a gente branca cozinhava nos acampamentos e para sentir o cheiro da fumaça e da carne. Vimos hienas com as costas arqueadas como se tivessem vergonha, deslizando pelo mato atrás dos cheiros. Se alguma virava a cabeça, a gente via que tinha grandes olhos castanhos brilhantes iguais aos nossos, quando a gente se olhava no escuro. O vento trazia vozes em nos-

rece que tem tudo isso ainda —, algumas pessoas cavaram o chão em volta da tenda e plantaram feijão, milho e repolho. Os velhos trançam galhos para fazer cercas em volta das hortas. Ninguém tem permissão para procurar trabalho nas cidades, mas algumas mulheres encontraram trabalho na aldeia e podem comprar coisas. Nossa avó, como ela ainda é forte, encontra trabalho onde as pessoas estão construindo casas — nesta aldeia o pessoal constrói casas bonitas com tijolo e cimento, não com lama como a gente fazia na nossa aldeia. Nossa avó carrega tijolo para essas pessoas e leva sacos de pedra na cabeça. E assim ela consegue dinheiro para comprar açúcar, chá, leite e sabonete. Eu sou inteligente na escola e ela pegou papel de propaganda que as pessoas jogam fora na loja e encapou meu caderno. Ela faz meu primeiro irmão e eu fazemos a lição de casa toda tarde antes de escurecer porque no nosso espaço na tenda só tem lugar para deitar, bem juntinhos, igual a gente fazia no Parque Kruger, e velas custam caro. Nossa avó ainda não conseguiu comprar para ela um par de sapatos de ir na igreja, mas comprou para meu primeiro irmão e para mim sapatos de escola pretos e graxa para engraxar. Toda manhã, quando as pessoas estão levantando na tenda, os bebês chorando, as pessoas se empurrando nas torneiras lá fora e algumas crianças já arrancando as crostas de mingau das tigelas em que comemos na noite passada, meu primeiro irmão e eu limpamos nossos sapatos. Nossa avó faz a gente sentar nos nossos colchões com as pernas esticadas para ela poder olhar com cuidado nossos sapatos e ter certeza de que fizemos tudo direitinho. Nenhuma outra criança na tenda tem sapatos de escola de verdade. Quando nós três olhamos os sapatos é como se a gente estivesse de novo numa casa de verdade, sem guerra, sem longe.

Alguns brancos vêm tirar fotografias do nosso povo que mora na tenda — disseram que estão fazendo um filme, eu nun-

ca vi o que é isso, mas sei que existe. Uma mulher branca se enfiou no nosso espaço e fez perguntas para minha avó que alguém que entende a língua da mulher branca contava para a gente na nossa língua.

Quanto tempo você está vivendo assim?

Ela quer saber aqui?, minha avó perguntou. Nesta tenda, dois anos e um mês.

E o que espera do futuro?

Nada. Estou aqui.

Mas e os seus filhos?

Quero que eles estudem para poder arrumar empregos bons e ganhar dinheiro.

Espera voltar para Moçambique... para o seu país?

Não vou voltar.

Mas quando a guerra acabar... não vão deixar vocês ficarem aqui. Não quer voltar para casa?

Achei que minha avó não queria falar mais. Achei que não ia responder para a mulher branca. A mulher branca inclinou a cabeça de lado e sorriu para nós.

Nossa avó olhou para o outro lado e disse: Não existe nada. Minha casa não existe.

Por que nossa avó diz isso? Por quê? Eu vou voltar. Eu vou voltar pelo Parque Kruger. Depois da guerra, se não tiver mais bandidos, nossa mãe pode estar esperando a gente. E quem sabe, quando a gente deixou meu avô, ele foi o único que ficou para trás, ele não achou o rumo dele de algum jeito, devagar, pelo Parque Kruger, e vai estar lá. Eles vão estar em casa e vou lembrar deles.

Traduzido do inglês por José Rubens Siqueira